

ESCALA DE AVALIAÇÃO

- ★★★★..... Ótimo
- ★★★..... Bom
- ★★..... Regular
- ★..... Ruim
- Péssimo

FOLHA ILUSTRADA

Tel.: 0/xx/11/3224-7842
E-mail: ilustrad@uol.com.br
Fax: 0/xx/11/3224-2284

Serviço de atendimento ao assinante:
Grande São Paulo 0/xx/11/3224-3090
Demais localidades 0800-703-8080

PÁGINA E 1 ★ SÃO PAULO, DOMINGO, 26 DE DEZEMBRO DE 2004



Mônica Bergamo destaca as frases do ano

Coluna faz um apanhado do que foi dito de relevante em 2004, de políticos a artistas como Caetano Veloso

PÁGINA E2



Desenhos sim, mas não só para crianças

De olho no público mais velho, Cartoon Network investe em animações para os adultos, como "Hi Hi Puffy AmiYumi"

PÁGINA E4



Cenas de um diretor... ..e de seus pupilos

Ator próximo a Ingmar Bergman (foto), Erlend Josephson conta detalhes sobre o modo de trabalho do cineasta sueco

PÁGINA E10

Chico

CONTRA O CINISMO

O compositor fala com exclusividade à Folha, que o acompanhou durante duas semanas em Paris e em Roma, nas filmagens de um documentário

FERNANDO DE BARROS E SILVA
ENVIADO ESPECIAL A ROMA E A PARIS

"O Lula trouxe o acúmulo de esperanças de muito tempo para um tempo em que elas não podem mais se realizar." A frase é de Chico Buarque. Resume, mais do que uma frustração, uma posição complexa diante um governo que ele apoiou e ajudou a eleger, mas sobre o qual tem hoje várias críticas, embora não o considere o único nem o maior responsável pelo fato de o Brasil estar caminhando para uma situação que chama de "cada vez mais assustadora e irracional".

Chico falou à Folha com exclusividade na quarta-feira da semana passada, durante duas horas, no seu apartamento em Paris (leia a entrevista nas págs. E4 e E5). Acabava naquele dia uma maratona de gravações de duas semanas, a primeira delas em Roma, para dois de uma série de dez programas sobre sua obra, mesclando imagens de arquivo com depoimentos, que a DirecTV vai levar ao ar a partir de janeiro.

A Folha o acompanhou durante todas as gravações, a maior parte delas com cenas de Chico caminhando (o que mais gosta de fazer, ao lado de jogar bola) pelas ruas de Roma e de Paris.

É a primeira vez, desde que Lula foi eleito, que Chico aceita falar longamente, inclusive sobre a situação do Brasil, assunto sobre o qual sempre é cobrado. Primeiro, disse que se sentia "diminuído" e se abstinha de opinar porque hoje "tudo passa pela economia" e ele próprio não costuma dar muita atenção aos palpites dos leigos.

Mas logo a seguir veio a crítica central ao que ele diz ver em curso no país: "Diante da ausência de perspectiva de mudança social a curto ou a médio prazo, a sociedade toda está sendo levada a um certo conformismo, ou mesmo ao cinismo". Na alta classe média, disse, "assim como já houve um esquerdismo de salão, há hoje um pensamento cada vez mais reacionário. O medo da violência se transformou em repúdio não só ao chamado marginal, mas aos pobres em geral, ao motoboy, ao sujeito que tem carro velho, ao sujeito que anda mal vestido".

"No meu tempo as moças bonitas eram de esquerda", disse sorrindo. Sejam de esquerda ou de direita, jovens ou senhoras, as "moças" continuam encantadas por Chico. Foi um frisson entre as funcionárias da embaixada do Brasil em Roma, todas já coroas, quando Chico chegou ao belo palácio na Piazza Navona para gravar algumas imagens. Fotos e autógrafos, como sempre.

Uma estudante pernambucana de 18 anos que vive em Roma passava pela rua e viu Chico na porta. Ficou paralisada e começou imediatamente a chorar. As lágrimas escorriam por seu rosto. Não parava por nada neste mundo. Mais fotos e algumas palavras trocadas meio sem jeito de parte a parte.

Aos 60 anos, Chico segue sendo o mesmo menino tímido diante de qualquer desconhecido. Gosta mais de ouvir e de observar do que de falar e ser observado. Não se sente à vontade quando é abordado na rua. Em seu semi-anonimato nas cidades da Europa, estava na maior parte do tempo descontraindo. E às vezes brincalhão

com a equipe do documentário.

Em Roma, a produção alugou um carrinho de golfe para acompanhar Chico pelas ruas. Entre uma locação e outra, ele próprio quis dirigir a engenhoca. Num determinado momento, começou a cantar um tango em voz alta, acompanhando o cinegrafista argentino, Mariano, que ia filmando ao seu lado.

Amigos, cinema e futebol

Chico aproveitou a viagem para rever alguns amigos. Jantou em Roma com Sérgio Bardotti, o criador de "Os Saltimbancos", que ele adaptou para o Brasil em 1977, fazendo da peça musical uma espécie de "Revolução dos Bichos" ao contrário e transformando-a num dos maiores sucessos do teatro infantil no Brasil. Em Roma, disse Bardotti, "Os Saltimbancos" nunca emplacaram.

Em Paris, o compositor aproveitou um dos intervalos das gravações para ir ao cinema sozinho. Assistiu ao novo filme de Bergman, "Sarabanda". Lacônico, disse ter gostado muito: "Bergman é um mal necessário".

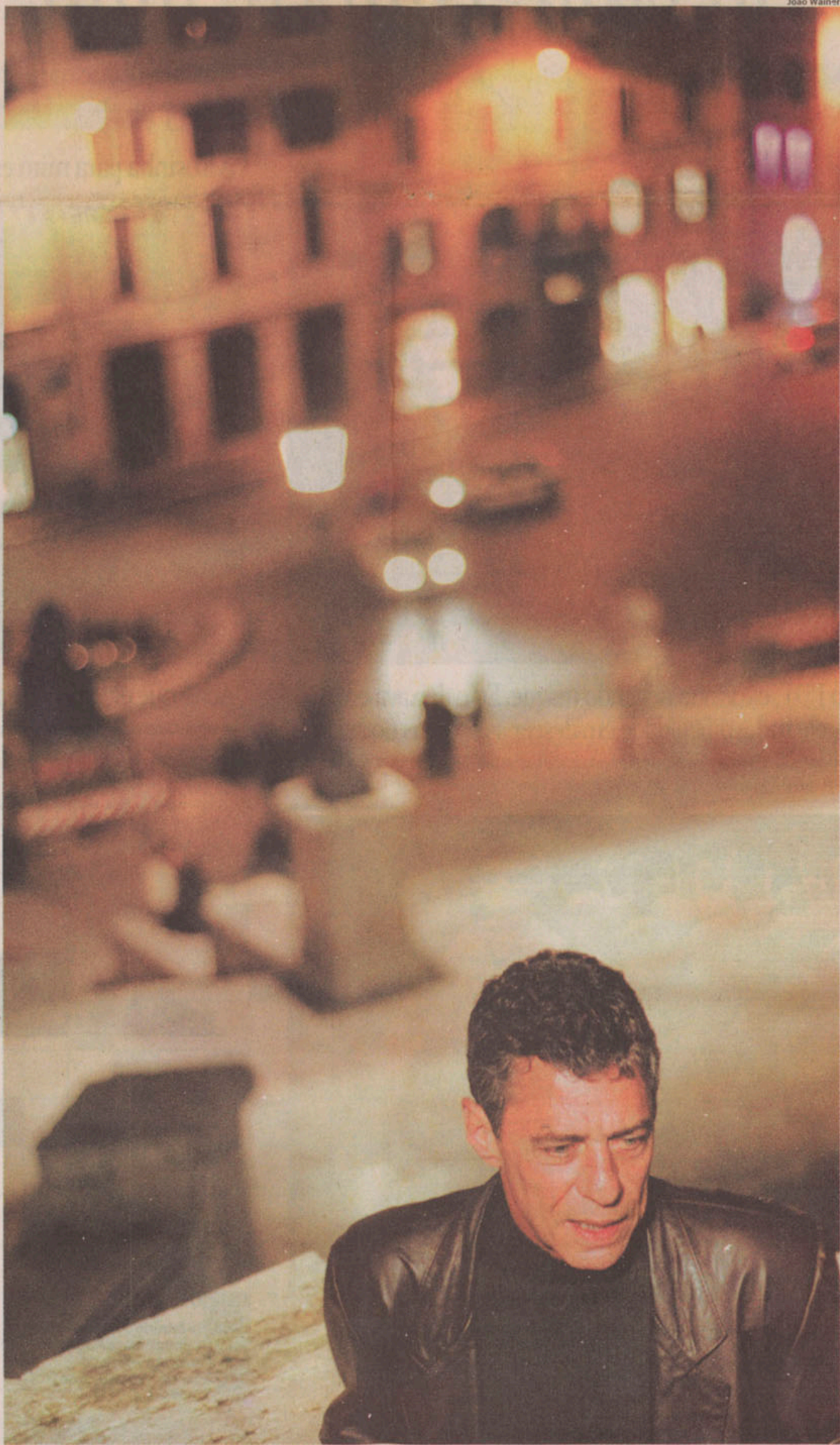
Dias antes, também em Paris, havia ido visitar a família do fotógrafo Sebastião Salgado, seu velho amigo. Tão, como ele o chama, estava viajando, mas Chico foi recebido pela mulher, Lélia, e pelos dois filhos, Rodrigo e Juliano, com um lanche à base de baguete, frios e foie gras. Assistiu ainda pela Globo Internacional ao jogo entre São Paulo e Flamengo pelo campeonato brasileiro. Torcedor do Fluminense, não parava de provocar durante a partida o amigo e assessor Vinícius França, rubro-negro dos mais fanáticos.

O futebol o acompanhou pela Europa. Em Paris, com a temperatura marcando em média -19, não conseguiu parceiros em número suficiente para armar sua pelada. Um mês antes, Chico havia contraído uma gripe fortíssima justamente por ter jogado a céu aberto e sob uma garoa fina num campinho de terra batida na mesma capital francesa.

Em Roma, porém, jogou bola duas vezes. Arrumou a pelada no centro esportivo da RAI, a TV e rádio estatal italiana. O time brasileiro, com ele à frente, ganhou a primeira partida dos italianos por 13 a 11 e empatou a segunda por 5 a 5. "Fora de casa, dois bons resultados", disse Chico, sério.

Houve, porém um incidente que o deixou irritado. O par de chuteiras velhas e rasgadas de Chico foram parar no lixo. A camareira do Hotel de Russie, um dos mais elegantes de Roma, ao lado da Piazza del Popolo, achou que aquilo era um calçado imprestável e deu sumiço. Chico reclamou na recepção, mas em vão. Não conseguiu recuperar o mimo. "Uma chuteira com história, mais de 2.000 assistências e duas centenas de gols", brincou depois com os amigos.

Um dia antes de partir de Roma, Chico deu já na madrugada da sexta-feira, dia 10, uma entrevista ao vivo para um programa sobre música brasileira na rádio da RAI. Falou sempre em italiano fluente. E ainda ironizou a maneira como os italianos costumam pronunciar seu nome: "Kiko Bárkue".



Chico Buarque de Holanda, na Piazza di Spagna, em Roma, onde foi filmada parte do documentário sobre sua obra

LEIA MAIS sobre Chico Buarque às págs. E3, E4 e E5

O TEMPO E O ARTISTA

Dez programas refazem carreira de Chico

Filmes dirigidos por Roberto de Oliveira mesclam imagens de arquivo com depoimentos e serão lançados em DVD no final de 2005

DO ENVIADO ESPECIAL A ROMA E A PARIS

Chico Buarque gosta de contar uma história que ouviu de uma de suas filhas, a atriz Sílvia Buarque. Ela estava em uma loja de CDs no Rio quando reparou que uma moça a seu lado pegou nas mãos o CD "As Cidades" (1998), recém-lançado. Olhou de um lado, virou do outro, e fez o comentário: "Mas só tem música nova!".

A frase da moça divertiu e ficou famosa na família Buarque. O compositor costuma repeti-la quando quer exemplificar a nostalgia que percebe num público ávido pelo "Chico dos anos 70".

Pois a moça não terá mais do que reclamar. A partir de janeiro, Chico reaparecerá numa série de programas para a TV sobre sua obra, todos eles mesclando imagens de arquivo, muitas delas raras, com depoimentos do autor gravados hoje.

A estréia acontece dentro de um mês, no dia 26, quando a DirecTV exhibe o primeiro programa, de um total de dez previstos para pingar em princípio mensalmente, embora só três já tenham sido gravados e estejam certos.

O responsável pelo projeto é o diretor Roberto de Oliveira, ex-vice-presidente da Rede Bandeirantes, que conheceu Chico em 1973, quando inventou e pôs em prática o Circuito Universitário — uma espécie de show itinerante de artistas por cidades do interior do país numa época em que a ditadura fechava as portas da grande mídia para muitos deles.

Desde então, Oliveira produziu vários documentários musicais com Chico, exibidos ao longo dos anos 70 e 80, sobretudo na Bandeirantes. É parte desse acervo, que soma cerca de 30 horas de filmes, mais o acervo pessoal de Chico, com algumas gravações amadoras feitas nos anos 60, que



Chico em frente a foto em que participa da passeata dos 100 mil, em 1968; a imagem fez parte da exposição sobre sua obra no Rio

está sendo recuperado.

O diretor define os programas como "um grande testemunho, no qual Chico fala da obra dele, da vida dele, do processo de criação, e se vale da recuperação de imagens e canções do passado para ilustrar as coisas que ele diz hoje".

A intenção de Roberto de Oliveira é lançar no final de 2005 cinco DVDs com os programas exibidos, acrescidos do making of, e repetir a dose, com os outros cinco, até o final de 2006.

O roteiro dos programas segue uma divisão temática. O primeiro, intitulado "Meu Caro Amigo", foi feito em torno das parcerias de Chico. A entrevista e as imagens de hoje que dão o fio condutor foram gravadas no Rio. Chico falou na Biblioteca Nacional, onde se realizou uma exposição sobre sua

obra como parte das comemorações dos 60 anos, completados em 19 de junho. A exposição chega a São Paulo em 13 de janeiro.

Tom Jobim, a quem será dedicado um programa inteiro, aparece já neste de abertura, cantando ao piano "Falando de Amor", ao lado de Chico. Francis Hime e Edu Lobo, os dois parceiros mais assíduos, também comparecem, em versões de "Meu Caro Amigo", canção clássica da resistência à ditadura gravada em meados dos 70, e "Choro Bandido", já dos anos 90. Chico canta ainda com Djavan, com a irmã Miúcha e com Dorival Caymmi, entre outros.

No depoimento que dá sobre o velho compositor baiano, Chico o define como "um caso à parte na música brasileira, de tal forma despojado que é difícil até imita-

lo, fazer uma música à la Caymmi". "Não sei de onde vem Caymmi nem sei para onde vai", diz, rendendo homenagens a um grande mestre que, segundo ele, não deixou discípulos na MPB.

O momento mais marcante do programa de estréia talvez seja a aparição histórica ao lado de Elis Regina, num show de 1974, quando interpretaram juntos "Pois É", canção feita em parceria com Tom. Os dois mal se olham no palco. É sabido que Chico e Elis não tinham afinidades e acumularam pinimbas ao longo da vida.

O segundo programa, previsto para fevereiro, foi gravado há dez dias em Paris e vai se chamar "À Flor da Pele", nome de uma das duas versões de "O Que Será", gravada no disco "Geraes" (1976), de Milton Nascimento. O motivo

do programa é o conhecido e repisado universo feminino nas canções de Chico, assunto que ele não gosta de abordar.

"Roberto, você vai perguntar e eu vou embatucar, não sei falar sobre isso", avisou Chico antes da gravação, feita num bistrô em frente à ilha de Saint Louis, no centro de Paris. Provocado pelo diretor, acabou comentando várias de suas canções. Disse até que foi em Paris, quando era um menino de 9 ou 10 anos, que viu pela primeira vez mulheres com os seios nus nas capas de revistas.

Houve também momentos de simpático embaraço. Num deles, o diretor deu voltas, tergiversou e lançou uma pergunta a respeito da inspiração de "Morena dos Olhos d'Água", feita em 1966 para a hoje socialite Eleonora Mendes

Caldeira. Chico olhou sorrindo para o diretor: "Ô Roberto, a Eleonora Mendes Caldeira é uma senhora. Você não vai querer que eu fale sobre isso nessa altura do campeonato. Nem fica bem". A equipe caiu na gargalhada.

O terceiro programa foi gravado em Roma, uma semana antes. Será exibido em março com o título "Vai Passar", canção de Chico que se tornou um hino da campanha pelas Diretas-Já, em 1984.

O eixo do programa é a política, sobretudo a ditadura militar no Brasil (1964-1985). Chico morou em Roma durante 13 meses, entre 1969 e 70, numa espécie de exílio voluntário. Já havia morado na cidade quando criança, entre os oito e dez anos, quando seu pai, o historiador Sérgio Buarque de Holanda lecionou na Universidade de Roma.

"A ditadura me encheu muito o saco, mas também enchi bastante o saco dela", disse Chico na entrevista gravada num hotel. Nela, o compositor passou o período do exílio a limpo, comentou o prazer de caminhar pelas ruas de Roma e disse que o disco "Construção", lançado em 1971, representa um marco em sua obra, uma espécie de perda da inocência presente nas canções do período anterior.

Neste terceiro programa, há algumas imagens históricas. Numa delas, pouco conhecida, Chico caminha pelo palco do Anhembi, em São Paulo, de microfone em microfone, procurando um que não tivesse sido desligado. Era 1973 e ele cantava "Cálice" quando lhe cortaram o som do teatro.

No final de janeiro, Chico deverá gravar a entrevista para o quarto programa da série, sobre literatura. Em princípio, em Portugal, mas o compositor gostaria de entender a viagem a países da África que falam o português, o que está sendo negociado.

João Wainer

O TEMPO E O ARTISTA



Chico Buarque toma chocolate quente em brasserie no Quartier Latin, em Paris, cidade onde gravou parte do programa de TV sobre a sua obra que começa a ser exibido neste mês na TV a cabo

A canção, o rap, Tom e Cuba, segundo Chico

Em entrevista em Paris, o compositor diz que a emergência do rap talvez represente o fim do principal gênero musical do século 20

DE ENVIADO ESPECIAL A ROMA E A PARIS

Chico Buarque voltou a compor. Disse que está na hora de finalmente se despir e se libertar do romance "Budapeste", que lançou no final de 2003 e do qual ele se ocupou, acompanhando as traduções, ao longo deste ano.

Paradoxalmente, Chico diz, rompendo um silêncio que vinha de muito tempo, que a canção, tal como a conhecemos, talvez seja um gênero do século passado — e que o rap talvez seja a sua negação. Paradoxalmente, mais uma vez, é o rap o que mais chama a atenção de Chico no cenário cultural brasileiro. "Tem uma novidade importante aí, na periferia se manifestando dessa forma."

O caminho do músico Chico Buarque continua, e cada vez mais, iluminado pelo farol de Tom Jobim, seu maestro soberano. Mas os olhos do artista estão mais do que nunca voltados para a moçada dos morros, onde ele enxerga ao mesmo tempo a desgraça e a antena do país.

Neste trecho da entrevista, Chico fala ainda sobre Cuba e diz que, mesmo discordando da ausência de democracia na ilha, considera louváveis os esforços para preservar os "valores da revolução".

(FERNANDO DE BARROS E SILVA)

★

Folha - Podemos começar falando da reclusão que você se impôs neste ano.

Chico Buarque - Fiquei até menos recluso do que estive durante os dois anos em que escrevi o livro ["Budapeste"]. Este foi um ano de entressafra. O meu trabalho foi praticamente acompanhar as traduções, ficar na cola do livro que saiu no ano passado. Pouca coisa a mais. Recebi alguns convites para fazer músicas e não pude atender. Foi nesse sentido quase um ano sabático. Embora dê trabalho acompanhar as traduções.

Folha - Mas é um trabalho de que você gosta...

Chico - Gostar eu não gosto especialmente. Acho que faço para sofrer menos. Cada tradução é um sofrimento. Você nunca pode dizer exatamente o que você quer em outro idioma. Mas, nas línguas que eu mais ou menos alcanço, procuro trabalhar o mais próximo possível do tradutor.

Folha - Por que você preferiu não falar quando o livro foi lançado? Receio de induzir a leitura, de misturar o escritor e o compositor?

Chico - Um pouco disso tudo. Na verdade, neste ano sabático tive que ficar me explicando. Não tenho prazer especial em ficar expli-

cando o que escrevi, os livros, as canções, o que seja. Há artistas que gostam disso e se explicam muito bem. Eu não sei fazer isso. Houve também aquela comemoração toda em torno dos meus 60 anos, uma coisa excessiva sobre a qual eu não tinha muito o que dizer.

Além disso, não quis falar um pouco também para evitar que o livro viesse ocupar o espaço que eu tenho como compositor de música popular. Procuro o máximo possível distinguir as duas coisas. Muitas vezes nem isso é possível. Mas apresentar o livro na TV, tirar fotos, isso confundiria ainda mais as coisas. Vem cá, mas esse é o compositor, o escritor? Parece que fica tudo sendo a mesma coisa, a mesma cara, o mesmo sujeito.

Folha - É visível o seu esforço de separar o escritor do compositor. Por quê?

Chico - Eu procuro separar, sim. Entendo que são duas coisas diferentes. O escritor tem pouco a ver com o compositor. Mas é uma coisa pessoal minha. É difícil convencer o leitor de jornais desse meu sentimento. Mas é por isso mesmo que eu procuro ser um pouco mais discreto enquanto autor de romances. Soma-se a isso

o fato de que o personagem central de Budapeste é discretíssimo. Achei que seria complicado ir na contracorrente e desmentir tudo o que o livro diz. Neste sentido o livro é um pouco... Não vou dizer que seja autobiográfico, mas o protagonista tem isso em comum comigo.

Folha - Já falaram que os personagens dos seus três romances — "Estorvo", "Benjamim" e "Budapeste" — são um pouco alter egos do Chico Buarque.

Chico - Os livros são muito diferentes. O que complica um pouco a questão é que o protagonista de "Budapeste" é escritor. O protagonista de "Estorvo" não era nada, e o de "Benjamim" é um exemplo fotográfico.

Depois de um ano, mais de um ano, já está na hora de eu me despir, me libertar deste livro. Eu estou na verdade ansiando por isso, até para escrever outro livro, ou para escrever novas canções.

Folha - Você voltou a compor?

Chico - Consegui fazer uma canção, para o filme do João Falcão, "A Máquina", uma adaptação do livro da Adriana Falcão. Tive outras encomendas, mas não consegui. A única que saiu foi essa.

Folha - Como chama a canção e como ela nasceu?

Chico - Chama-se "Porque era ela, porque era eu". É uma variação sobre um dito famoso do Montaigne [filósofo Michel de Montaigne (1533-1592)] — "Parce qu'était lui, parce qu'était moi". Ele se referia nos "Ensaio" à grande amizade com o Étienne de la Boétie, que morreu muito jovem, dizendo que a ligação entre ambos existia simplesmente "porque era ele, porque era eu". Na canção, o "lui" [ele] virou uma mulher. É uma canção de amor.

Por coincidência, estive em Paris no mês passado e vi duas vezes nos jornais alusões à frase do Montaigne. A canção na verdade já estava pronta.

Folha - E virão novas canções? Ou você não sabe ainda o que fazer?

Chico - Tenho muita vontade de fazer música. Mas é difícil planejar. Parece que se tornou uma coisa quase automática — faz um livro, depois faz um disco e assim vai. Talvez eu mesmo não

queira obedecer esse script que venho seguindo. Mas sempre foi assim. Depois de um trabalho com literatura, até retomar a música leva um bom tempo. O formato é tão diferente da literatura que a mão fica dura.

Folha - Tem parcerias à vista?

Chico - O Ivan Lins me mandou uma música muito bonita. Está aqui comigo, mas ainda não consigo lettrar. Fora as canções de outros autores que tenho comigo há muito tempo — Guinga, Domíngos. São coisas que ficam ali na gaveta, numa espécie de arquivo a que eu recorro quando estou num processo de criação.

Folha - O que motivou você a fazer essa revisão da sua obra, a aceitar gravar essa série de entrevistas para os programas da TV?

Chico - A idéia partiu do Roberto [de Oliveira, diretor dos especiais com Chico]. Para mim é um pouco incômodo ficar revendo fitas antigas, falar sobre canções do

passado. Estou, na verdade, cedendo a uma demanda que existe — e acho que cada vez mais. Isso é curioso. Talvez tenha razão quem disse que a canção, como a conhecemos, é um fenômeno próprio do século passado, tal é a quantidade de releituras, de compilações, de relançamentos, de gente cantando clássicos — e isso no mundo inteiro. Os meus próprios discos são relançados de formas diferentes pela indústria, em caixas e caixotes, embrulhados assim e assado, com outra distribuição das músicas. E há um interesse muito grande por isso. Se eu lançar um disco novo, vou competir comigo mesmo. E devo perder.

Folha - Você parece estar descrevendo um esgotamento histórico...

Chico - A minha geração, que fez aquelas canções todas, com o tempo só aprimorou a qualidade da sua música. Mas o interesse hoje por isso parece pequeno. Por melhor que seja, por mais aperfeiçoada que seja, parece que não acrescenta grande coisa ao que já foi feito.

E há quem sustente isso: como a ópera, a música lírica, foi um fenômeno do século 19, talvez a canção, tal como a conhecemos, seja um fenômeno do século 20. No Brasil, isso é nítido.

Noel Rosa formatou essa música nos anos 30. Ela vigora até os anos 50 e aí vem a bossa nova, que remodela tudo — e pronto. Se você reparar, a própria bossa nova, o quanto é popular ainda hoje, travestida, disfarçada, transformada em drum'n'bass.

Essa tendência de compilar e reciclar os antigos compositores de certa forma abafa o pessoal novo. Se as pessoas não querem ouvir as músicas novas dos velhos compositores, por que vão querer ouvir as músicas novas dos novos compositores? Quando você vê um fenômeno como o rap, isso é de certa forma uma negação da canção tal como a conhecemos. Talvez seja o sinal mais evidente de que a canção já foi, passou. Estou dizendo tudo isso e pensando ao mesmo tempo que talvez seja uma certa defesa diante do desafio de continuar a compor. Tenho muitas dúvidas a respeito. Às vezes acordo com a tendência de acredi-

tar nisso, outras não.

Folha - E o rap? Sem abusar das relações mecânicas, parece que estamos diante de uma música que procura dar conta, ou que reage a uma nova configuração social, muito problemática.

Chico - Eu tenho pouco contato com o rap. Na verdade, ouço muito pouca música. O acervo já está completo. Acho difícil que alguma coisa que eu venha a ouvir vá me levar por outro caminho. Já tenho meu caminho mais ou menos traçado. Agora, à distância, eu acompanho e acho esse fenômeno do rap muito interessante.

Não só o rap em si, mas o significado da periferia se manifestando. Tem uma novidade aí. Isso por toda a parte, mas no Brasil, que eu conheço melhor, mesmo as velhas canções de reivindicação social, as marchinhas de Carnaval meio ingênuas, aquela história de "lata d'água na cabeça" etc. e tal, normalmente isso era feito por gente de classe média.

O pessoal da periferia se manifestava quase sempre pelas escolas de samba, mas não havia essa temática social muito acentuada, essa quase violência nas letras e na forma que a gente vê no rap. Esse pessoal junta uma multidão. Tem algo aí.

Eu não seria capaz de escrever um rap e nem acho que deveria. Isso me interessa muito, mas não como artista e criador. O que eu posso é refazer da melhor maneira possível o que já fiz. Não tenho como romper com isso.

E quando penso na melhor maneira possível, penso imediatamente em Tom Jobim. Ele foi meu mestre desde o começo. E, depois que ele morreu, eu sinto paradoxalmente ele mais presente na minha maneira de pensar a música e mais presente no panorama geral da música brasileira. Esse disco agora, que está sendo lançado ["Ao Vivo em Minas", gravado em 1981], é maravilhoso. Não chamava muita atenção na época um show de Tom Jobim só com o piano. Isso era visto até com certo desdém. Alguém teve a boa idéia de gravar, e agora isso é recebido como uma jóia, que é. É um pouco o que eu via. Ele ali no piano, compondo "Águas de Março", "Luiza"

[Chico cantarola: "vem cá, Luiza, nã nã nã..."]. Vi muito isso. Ele não tinha pudor de mostrar as músicas rascunhadas. Mostrava. Pedia palpites. Ver o Tom em ação, e tendo dúvidas, em processo de criação, era formidável — e difícil. Eu sou incapaz de partilhar um momento como esse, uma obra rascunhada, um pedaço de música ou de letra.

Folha - Ficaram com você canções inéditas do Tom?

Chico - Ao longo dos anos, ele me deu várias músicas para fazer letra e eu não consegui. Não vejo mais sentido, sem ele aqui, de gravar canções que estão comigo. Só tinha sentido com ele junto.

Folha - Você tem uma relação antiga com Cuba. O regime de Fidel Castro vem sendo cada vez mais cobrado pela ausência de democracia, pelas execuções etc. Como você se coloca nessa discussão?

Chico - Minha ligação com Cuba se estabeleceu no fim dos anos 70 até a volta das relações diplomáticas com o Brasil. Na época meu apelido era "el embajador". Eu participava de um intercâmbio cultural que envolvia muitos artistas, músicos, intelectuais. Acho que cumpri bem o meu papel. De lá para cá, tenho ido menos a Cuba. Perdi um pouco o contato.

Folha - Mas você tem amigos músicos em Cuba.

Chico - Tenho. Amigos hoje um pouco distantes. É essa a minha relação com Cuba. Existe, é claro, para a minha geração, um outro tipo de relação, afetiva, que vem da revolução cubana. Nos anos 60, aquilo era muito forte para nós. Um exemplo de resistência. Ainda hoje o ditador Fidel Castro, como gostam de dizer os jornais, inclusive a Folha... Ele é o único adversário dos Estados Unidos na América Latina que resistiu a golpes de Estado e assassinatos e está ali. Todos os outros foram depostos ou assassinados. Ele sobreviveu a vários atentados. Manteve e mantém até hoje uma posição ativa. E isso é algo que ninguém deve ignorar e que eu admiro.

Quando a fuzilamentos ou a prisão de dissidentes políticos, fico contrariado, porque não gosto e não concordo com isso. A questão toda é muito delicada. Eu gostaria que Cuba fosse um país democrático. Agora, eu gostaria de uma maneira, e o Bush gostaria de outra. Cuba poderia ser hoje o Haiti. Cuba não é. É claro que me desagrada a idéia de um partido único, de liberdades vigiadas, mas existe ao mesmo tempo a necessidade de um controle para manter os valores da revolução, que a meu ver são louváveis.

O TEMPO E O ARTISTA

“Querem exterminar os pobres do Rio”

Para Chico Buarque, um sentimento difuso a favor do apartheid social está hoje tomando conta da sociedade brasileira

DO ENVIADO A PARIS E ROMA

Há um sentimento difuso quase a favor do apartheid social no Brasil e existe, por parte das elites, um ódio visceral não vocalizado em argumentos contra o presidente da República operário, que tem um dedo a menos e fala errado.

São sintomas da regressão social que Chico Buarque enxerga no Brasil de hoje, um país “cada vez mais irracional”. O governo, porém, também não sai ileso na avaliação de Chico. Vem desperdiçando oportunidades históricas de intervenção social porque assumiu compromissos errados e cedeu demais.

Um exemplo bem concreto: o engavetamento da discussão sobre a descriminalização das drogas, segundo Chico a única maneira de enfrentar a questão da violência ligada ao tráfico no Rio.

“Se o governo Lula não enfrentar isso, não sei quem vai fazer”, diz Chico — e completa: “O Lula sabe o que o cara do rap está cantando. Ele conhece aquela voz. Não tem o direito de ignorar”.

Neste trecho da entrevista concedida em Paris, o compositor fala ainda sobre o assédio da mídia, da demanda crescente pelos assuntos fúteis e do fato de se sentir cada vez mais como se estivesse permanentemente submetido ao olhar de um Big Brother.

(FERNANDO DE BARROS E SILVA)

★

Folha - Você faz parte de uma geração de artistas que foi porta-voz de ambições grandes em relação às possibilidades do país. Hoje essas ambições encolheram muito, não se vê mais a perspectiva de mudanças sociais como antes. As aspirações foram redimensionadas para baixo. Como você analisa isso?

Chico Buarque - Hoje em dia a gente vê pouquíssima margem de uma mudança social. Ao mesmo tempo, em países pobres, como o Brasil é, deveria ser mais do que nunca premente a necessidade de uma transformação social. A situação se deteriora e não se enxerga uma alternativa razoável.

Me preocupa que estamos nos encaminhando cada vez mais para uma situação irracional. Tudo passa pela economia. É difícil. Eu tendo a acreditar nos economistas quando dizem ser impossível gerenciar países como o nosso de outra forma. Quem sou eu para opinar? Eu me sinto muito diminuído, tenho pouco interesse em me manifestar, da mesma forma que tenho pouco interesse em ler opiniões de leigos, de gente desavisada a esse respeito.

Às vezes podem dizer coisas interessantes, ou até brilhantes, mas quando chega a hora de uma discussão mais séria essas opiniões soam quase como um escárnio, coisa de poeta.

Folha - Você se vê pressionado a falar sobre esses assuntos?

Chico - Eu cada vez mais me abstenho por reconhecimento da minha limitação, da minha ignorância. Aí eu sou realmente modesto. Não sou modesto em relação ao que eu faço como artista. Mas, sobre os rumos ou possibilidades do país, não vejo honestamente que contribuição eu possa dar.

O que eu posso fazer é só constatar minhas perplexidades, meus receios diante desse quadro cada vez mais assustador. Como não se vê perspectiva de mudança a curto ou mesmo a médio prazo, a sociedade toda é levada a um certo conformismo, ou mesmo a um cinismo. Na alta classe média, assim como já houve um certo esquivismo de salão, há hoje um pensamento cada vez mais reacionário, com tintas de racismo e de intolerâncias impressionantes.

O medo da violência na classe média se transforma também em repúdio não só ao chamado marginal, mas aos pobres em geral, ao sujeito que tem um carro velho, ao sujeito que é mulato, ao sujeito que está mal vestido. Toda essa indústria da glamourização, de quem pode, de quem ostenta, de quem torra dinheiro — enfim, ser

reacionário se tornou de bom tom. As moças bonitas no meu tempo eram de esquerda. Hoje são todas de direita (risos).

Boutades às vezes racistas, preconceitos de classe, manifestações de desprezo mesmo pelos mais pobres se tornaram algo muito comum e socialmente valorizado.

Folha - Estamos diante de uma grande restauração, uma grande maré conservadora?

Chico - Exatamente. E diante da negação de conquistas não só sociais mas também comportamentais. Vejo um pensamento cada vez mais conservador, até mesmo na aparência das pessoas, todo mundo arrumadinho...

Folha - Mas isso convive, no caso brasileiro, com um governo de um líder operário, o que poderia ser visto como uma conquista histórica na contramão desse quadro. Como explicar esse curto-circuito?

Chico - Em primeiro lugar, acho que a eleição do Lula foi uma vitória. Ter conseguido eleger o Lula talvez tenha sido um último sinal de que algo ainda possa mudar para melhor. O outro lado da moeda é esse de que falei. O Lula sabe o que o cara do rap está cantando. Ele conhece aquela voz. Outros podiam não conhecer, mas o Lula sabe exatamente o que é aquilo, não há de esquecer. O Lula não tem o direito de ignorar isso. Nessa altura, fico depositando minha confiança pessoal no Lula, minha esperança de que ele encontre uma maneira de pelo menos suavizar esse quadro. Mas esse é um fardo muito pesado. É uma esperança talvez demasiada.

De certa forma, o Lula trouxe o acúmulo de esperanças de muito tempo para um tempo em que elas não podem mais se realizar. E aí não é culpa dele. É por isso que tendo a reagir às críticas que são feitas exageradamente ao Lula.

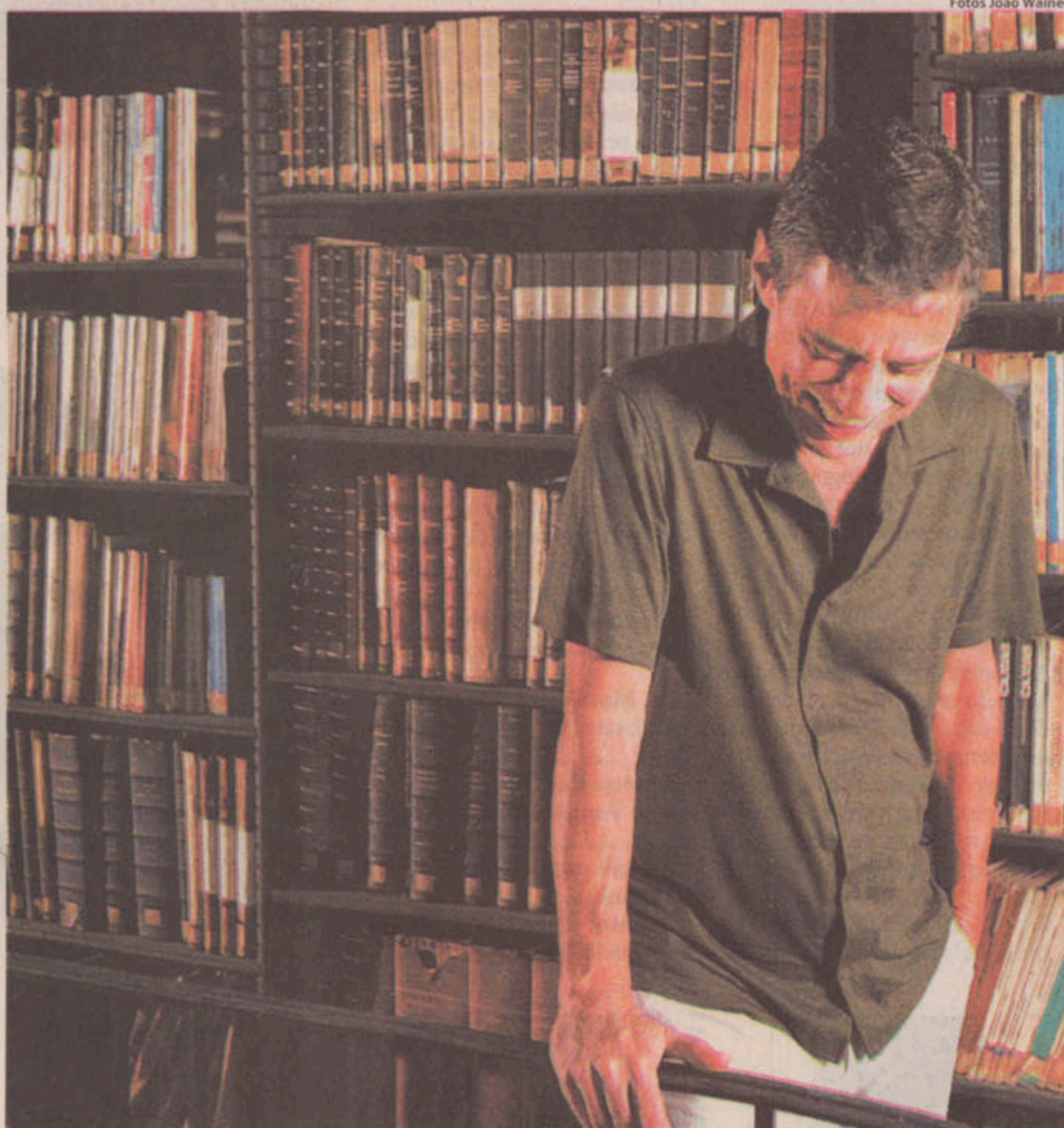
Folha - Parece que você quer evitar jogar água no moinho dos que dizem que as coisas no governo não funcionam ou que o Lula é igual ao Fernando Henrique.

Chico - Não quero jogar, porque já tem muita água nesse moinho. Vejo muita gente com ódio pessoal do Lula. E não vejo essa gente verbalizar com argumentos essa oposição tão visceral ao Lula. Parece que há uma certa vergonha de ter um presidente como o Lula,

um operário, um sujeito com um dedo a menos e que fala errado. Uma vergonha de ver o Lula representando o país lá fora. Percebo isso em gente próxima. E vejo isso na mídia também. Na verdade, isso deveria orgulhar um brasileiro — ter um homem com as origens sociais do Lula na Presidência da República.

Folha - Isso é um avanço em relação à era tucana?

Chico - Deveria ser também motivo de satisfação ter tido um professor, um sociólogo como o Fernando Henrique na Presidência. Foi um progresso. Nós vínhamos de anos e anos de generais, que não eram eleitos, depois tivemos o Sarney, acidentalmente, o Collor e o Itamar. A eleição do Fernando Henrique foi um salto qualitativo. É um intelectual, um homem com estofado. Agora, também não concordo com aquela satisfação que se viu no nosso meio — “é um de nós, finalmente”. Não quero um de nós na Presidência (risos). Não quero ser presidente. Não gostaria que meu pai fosse presidente da República. Não é por aí. Também não acho que o fato de o Lula não ter curso secundário completo seja em si uma virtude. Virtude é ele poder ter sido eleito. Ele pode ser um bom ou um mau presidente. O Brasil ter eleito Lula contradiz tudo o que eu disse há pouco a respeito de um país que parece cada vez mais estar contra gente como o Lula. E volto a repetir: não vejo apenas um sentimento contra o marginal, o traficante, o ladrão. Mas contra o motoboy, contra o desempregado, contra o sujeito que não fala direito, isso apesar de a elite brasileira falar muito mal o português. Constatamos um sentimento difuso quase a favor do



Chico Buarque participa das gravações do programa na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro



Num intervalo das filmagens, em Roma, onde viveu entre 69 e 70



No Café de Flore, no boulevard Saint Germain, em Paris

apartheid social.

Folha - Você não quis incluir os seus jogos de futebol e a sua paixão pelo futebol como tema dos programas que está gravando. Qual a razão?

Chico - Todo mundo sabe que eu adoro jogar bola, que eu gosto de futebol. Já sabem até onde jogo bola. Então, vira e mexe, aparece alguém lá para tirar foto, essas coisas. Aí o futebol vira um acontecimento. Talvez até mais porque eu não esteja fazendo show, não esteja me exibindo em público, o futebol vira uma ocasião de exibição, como se eu quisesse me exibir jogando bola. Não é o caso. Aquilo não é uma exibição. Por isso achei melhor deixar de lado.

Folha - Ou é uma exibição para consumo interno, pessoal...

Chico - Pois é (risos). Mas há uma demanda cada vez maior para assuntos fúteis. Nos sites da internet isso é muito evidente. Qualquer coisa parece ser assunto. Fulano desceu em Congonhas (risos). Isso não é notícia, evidentemente. Mas tem que preencher os

espaços, tem que botar foto de artista descendo do avião... Estréia, então. Eu em geral não vou mais a estréias, porque muitas vezes a platéia trabalha mais que o artista. Tem que estar bem vestido, a sua roupa vai ser comentada, essas bobagens todas. Minha empregada outro dia ficou com vergonha porque apareci com a mesma camisa em dois acontecimentos sociais (risos). Isso deve ter ocorrido mesmo. Acho que não estava atento ao meu figurino (risos). Além disso, você é quase sempre solicitado a fazer resenhas críticas no corredor do teatro, tem que sair de casa preparado para estar inteligente, dizer se gostou, por que gostou. Isso quando não enfiam o gravador na sua cara na saída do cinema para saber o que você achou da reunião do Copom, se você acha que a taxa de juros vai cair meio ponto, se o viés é de baixa ou de alta.

Folha - Você convive com assédios variados há muito tempo. Isso mudou de uns tempos para cá?

Chico - Piorou muito. Isso não era assim. No tempo em que nós andávamos expostos, raramente acontecia de sair uma nota dizendo “fulano foi visto bebendo em tal bar”. Todos os dias nós estávamos no Antonio's — o Vinícius de Moraes, o Tom, o Rubem Braga, eu. Falavam-se barbaridades, brincava-se muito, bebia-se à beça. Se alguém estivesse por perto anotando, acabava, o Antonio's fechava. Nós andávamos por aí.

Ninguém fotografava. Hoje parece que vivemos numa espécie de Big Brother permanente.

Folha - O Rio, onde você mora há muito anos, também mudou muito de cara, em termos sociais. Na sua música, quando a gente pega, por exemplo, dois sambas como “Estação Derradeira”, de 1987, e “Carrioca”, de 1998, percebe-se com clareza essa mudança. Os personagens são outros, a atmosfera é outra, a barra é muito mais pesada, apesar dos muitos encantos da cidade. Como você sente isso no dia a dia?

Chico - O clima hoje na cidade é muito mais pesado. Para não falar lá de cima, na própria zona sul já há territórios demarcados. Eu conheci a praia como um espaço democrático. Hoje em dia já se sente no ar a idéia de que vai existir logo uma fronteira entre Ipanema e o Leblon. Tem um pessoal na altura do Jardim de Alá [moradores de um cortiço na rua do canal que divide Ipanema e Leblon] que desce ali e ocupa a praia. Vira uma paranoia, vira uma hostilidade com esses garotos que ficam circulando ali. Assaltar na praia é o pior negócio que existe. De vez em quando acontece. No dia seguinte, vem a polícia e enfia os meninos no camburão, quando não faz coisa pior. Eles querem tirar da praia, sumir com eles dali. Não vai ter onde botar esses meninos.

As soluções sugeridas para isso, as coisas que eu leio nas cartas dos leitores dos jornais, em geral são fascistas. Virou moda responder a quem defende os direitos humanos com o trocadilho infame dos “humanos direitos” contra os vagabundos que nos retiram o direito de andar livremente pelo calçadão. Isso quando não se defende abertamente a pena de morte, a reclusão dos garotos de rua, a diminuição da maioridade penal, a prisão perpétua. Eles querem exterminar com os pobres do Rio. Se pudermos sumir com aquilo tudo — ótimo. Os meninos são os inimigos, são os nossos árabes, são os nossos muçulmanos.

Folha - E o problema cada vez mais grave do tráfico, como fica? Porque o tráfico virou talvez a única perspectiva de ascensão social, ou de possibilidade de um enredo vitorioso na cabeça de um menino morador da favela.

Chico - É. Assim como o futebol ou o pagode, o tráfico virou um veículo de ascensão, de chance de ter dinheiro, poder, mulheres e fama, mesmo ao preço de uma vida muito curta. É o que se reserva para um menino sem estrutura familiar, sem emprego, sem quase nada. Eu não vejo

outra saída para a violência ligada ao tráfico senão a descriminalização de alguma forma, não sei se total ou parcial, das drogas.

Lembro de ter lido nos jornais que o ministro da Justiça, Márcio Thomaz Bastos, era favorável a essa idéia quando tomou posse. Não sei porque o governo não levou e não leva essa discussão adiante. Isso pode ser desgastante para os índices de popularidade do governo, talvez por isso ninguém toque no assunto.

Talvez pensem que não é o momento de enfrentar o problema em razão de alianças e de compromissos com os evangélicos do PL, essas coisas. Mas se não enfrentarem o problema agora, quando é que vão enfrentar? Se o Lula não enfrentar... Isso tem a ver com tudo o que a gente estava falando antes, com o rap, com o que os garotos da periferia estão falando, com a falta de perspectivas, com a violência toda que está ali, manifesta nas canções.

O Lula sabe muito bem o que é isso. Se não encarar isso, não sei quem vai fazer. Não entendo porque não se discute isso a sério.

Folha - Você acha que o governo, para além dos constrangimentos econômicos, está deixando escapar entre os dedos oportunidades históricas de intervenção social?

Chico - Acho. Acho. Entendo os compromissos, o FMI, a dívida etc. Tudo bem. Mas isso não tira nada a ver com essas outras omissões. Ou é isso ou é a Bíblia.

Fotos João Wainer

“Parece que há vergonha de ter um presidente como o Lula, um operário. Percebo isso em gente próxima”